

MULHER: enunciados que mobilizam efeitos de sentido na sociedade do século XXI

Hilda Rodrigues da COSTA

GT11 – Linguagem, Discurso e Identidades

A cultura de si não seria a “consequência” necessária dessas modificações sociais; ela não seria sua expressão na ordem da ideologia. Constituiria em relação a elas uma resposta original sob a forma de uma nova estilística da existência.¹

Resumo: Ser mulher, ser feminina e a noção de feminilidade permanecem ancoradas no imaginário social “traduzidas em trejeitos e modelos normatizadores que interinam a re-naturalização dos papéis sociais”(SWAIN, 2011, p. 02). Esse assujeitamento às normas de beleza, de sedução, de recato norteiam a vida, o destino desta fêmea/mulher enquanto ser inferior, delimitando suas atividades e sua importância no tempo e no espaço, por meio de densas redes discursivas. Segundo Courtine (2014, p.9), o corpo foi investido no contexto das lutas travadas pelos direitos das minorias na década de 1970, que colocaram “o corpo no coração dos debates culturais”, transformando sua “existência como objeto de pensamento” constituindo-se em um dispositivo de poder e subjetividade. Nesse sentido, o corpo tornou-se objeto de investimento de sentido, uma prática discursiva presente na contemporaneidade. Ele é o próprio acontecimento, ele é o viés e meio de imposições coletivas, de prisão e de liberdade. Que faz emergir regimes de práticas, de condutas, bem como diferentes efeitos de verdade no que diz respeito “à busca de si” (MILANEZ, 2006, p. 153). Esta comunicação tem por objetivo apresentar como estes efeitos de sentido constroem a identidade feminina no século XXI. Pois, é preciso olhar para estes saberes cristalizados, questionar as constelações de sentidos, nas quais se constroem e se representam a mulher na sociedade, pois sua identidade é movente, é fluída, é incerta, podendo mudar a ordem do mundo.

Palavras-chave: Mulher. Efeitos de Sentido. Subjetividade e Poder

Introdução

As relações que são estabelecidas através de uma formação discursiva é que irá definir o objeto do discurso. Entretanto, devemos entender que não são os objetos, nem o domínio que formam, nem seu modo de caracterização ou seu ponto de emergência que permanecem constantes. Mas o estabelecimentos de relações entre as superfícies em que podem aparecer, em que podem ser delimitadas, analisadas e especificadas. São essas

¹ Foucault, 2014.

relações, ou melhor os discursos que são formados a partir delas que é preciso fazer aparecer, que é preciso descrever.

Foucault(2007, p.49) afirma que:

Essa formação é assegurada por um conjunto de relações estabelecidas entre instâncias de emergência, de delimitação e de especificação. Diremos, pois, que uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão ai encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar.

Ao descrever um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática estaremos delineando um sistema de regras, o qual teve que ser colocado em prática para que tal objeto se transformasse sem deixar de pertencer a esse mesmo discurso, descrevendo assim, as regras que propiciaram a constituição de determinado enunciado, e não outro em seu lugar.

A análise do campo discursivo é direcionada de modo diferente. Trata-se, para Foucault (2007, p.31), “de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui”. Tais proposições conduzem o enunciado a restituir-se em sua singularidade de acontecimento, fazendo com que este enunciado surja em sua irrupção histórica, em sua emergência.

O enunciado por mais comum, por mais insignificante que seja, por menos importante que venha a ser suas consequências, por mais facilmente ignorado que possa ser após seu surgimento, pelo pouco que possa ser entendido ou mal decifrado que o consideremos, “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”(FOUCAULT, 2007, p.31)². Este acontecimento por mais

² Segundo Foucault (2007, p. 65), “Os elementos que nos propomos a analisar são bastante heterogêneos. Alguns constituem regras de construção formal; outros, hábitos retóricos; alguns definem a configuração interna de um texto; outros, os modos de relação e de interferência entre textos diferentes; alguns são características de uma época determinada, outros tem uma origem longínqua e um alcance cronológico muito grande. Mas o que pertence propriamente a uma formação discursiva e o que permite delimitar o grupo de conceitos, embora discordantes, que lhe são específicos, é a maneira pela qual esses diferentes elementos estão relacionados uns aos outros: a maneira, por exemplo, pela qual a disposição das descrições ou das narrações está ligada às técnicas de reescrita; a maneira pela qual o campo de memória está ligado às formas de hierarquia e de subordinação que regem os enunciados de um texto; a maneira pela qual estão ligados os modos de aproximação e de desenvolvimento dos enunciados e os modos de crítica, de comentários, de interpretação de enunciados já formulados, etc. E nesse feixe de relações que constitui um sistema de formação conceitual.”

estranho que seja, inicialmente estará ligado, por um lado, a um gesto, um movimento de escrita ou a pronúncia de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência no campo de uma memória, ou na forma de manuscritos, de livros e de qualquer manifestação de registro. Este acontecimento é único como todo acontecimento, entretanto, não se fecha em si, ele está aberto à repetição, à transformação, à reativação. Ele se liga não apenas a situações que venham a provocá-lo, e nem a consequências por ele ocasionadas, mas a enunciados que o precedem e o seguem.

Mulher: a construção e a desvalorização do ser

Swain (2011, p. 03) afirma que “a construção e desvalorização do ser ‘mulher’ aparece como resultado de uma essência atrelada a um corpo deficiente, a um espírito fraco e superficial, a uma moral escorregadia e duvidosa [...]”. A autora menciona em seu artigo “Figuras de mulher em Simone de Beauvoir: a mãe, a prostituta e a lésbica”, o livro de Groult, 1993, em que reuni “discursos de autoridades” como Aristóteles, São Tomás de Aquino, Freud, Rousseau, Nietzsche, dentre outros, que condenam a mulher ao campo da “ignorância”, da “domesticidade”, da “submissão”, do “silêncio”, da “penitência” e da “resignação”, dada sua natureza inferior. A qual, foi marcada em seu corpo ao nascer “pelo estigma e a maldição do feminino, segundo sexo, macho mutilada e imperfeita” (SWAIN, 2011, p. 03), dividida entre o pecado e a fraqueza moral (seu lado obscuro), e o dever e a alegria da maternidade (seu lado luminoso).

Essas premissas passam a governar a “vontade de ser mulher”, delimitando seu espaço, suas obrigações, seu desejo, classificando-a em enunciados prontos que conduzem o corpo feminino as regras, ou melhor dizendo, as práticas de assujeitamento em uma sociedade patriarcal, instituindo um saber autorizado que reduz a fêmea/mulher a uma identidade delimitada pelas imposições sociais. Identidade esta que é construída pela categorização do gênero no processo de produção do corpo, por meio de aparatos construídos pelo imaginário heterossexual, ao longo da história da humanidade.

De acordo com Courtine (2008), o século XX é que inventou teoricamente o corpo. Esta teoria emergiu primeiramente com Freud e os estudos da psicanálise. Depois da fenomenologia ao existencialismo, com a concepção elaborada por Maurice Merleau-Ponty

do corpo como “encarnação da consciência”. E posteriormente no campo da antropologia, com Marcel Mauss.

Dessa forma, “o corpo foi ligado ao inconsciente, amarrado ao sujeito e inserido nas formas sociais da cultura” e se pôs a “desempenhar os primeiros papéis nos movimentos individualista e igualitários de protesto contra o peso das hierarquias culturais, políticas e sociais, herdadas do passado”(COURTINE, 2008, p. 8), ao final da década de 1960.

Jean-Jacques Courtine (2008, p. 9), cita uma passagem do livro *História do Corpo*, que exemplifica a emergência destes movimentos,

“Nosso corpo nos pertence!” – gritavam no começo dos anos 1970 as mulheres que protestavam contra as leis que proibiam o aborto, pouco tempo antes que os movimentos homossexuais retomassem o mesmo *slogan*. O discurso e as estruturas estavam estreitamente ligados ao poder, ao passo que o corpo estava do lado das categorias oprimidas e marginalizadas: as minorias de raça, de classe ou de gênero pensavam ter apenas o próprio corpo para opor ao discurso do poder, à linguagem como instrumento para impor o silêncio aos corpos.

Segundo o autor, o corpo foi investido no contexto das lutas travadas pelos direitos das minorias na década de 1970, que colocaram “o corpo no coração dos debates culturais”, transformando sua “existência como objeto de pensamento” (COURTINE, 2014, p.9), constituindo-se em um dispositivo de poder e subjetividade.

Como afirma Gregolin (2003, p.89), “o corpo é objeto das disciplinas; não apenas enquanto lugar das ações disciplinares, mas também enquanto depositário de um pensamento ordenado e representacional e, por isso, capaz de atribuir particularidades àquilo que pensa”. Este corpo discursivizado, além de servir para comunicar, é ao mesmo tempo um objeto simbólico e político. Simbólico no sentido de representar um objeto e político no sentido de que representa uma luta pelo poder.

De acordo com Sousa (2013, p. 46) é por meio de instituições disciplinares (prisão, fábrica, hospital, escola, universidade) que,

A sociedade de controle desenvolve mecanismos cada vez mais democráticos, distribuídos pelos corpos (em sistemas de bem-estar, atividades monitoradas) e cérebros (em sistema de comunicação, redes de informação dos cidadãos). Essa sociedade pode ser caracterizada pela intensificação e síntese dos aparelhos de normalização e de disciplinarização.

Nesse sentido, o corpo tornou-se objeto de investimento de sentido, uma prática discursiva presente na contemporaneidade. Ele é o próprio acontecimento, ele é o viés e meio de imposições coletivas, de prisão e de liberdade. Que faz emergir regimes de práticas, de condutas, bem como diferentes efeitos de verdade no que diz respeito “à busca de si” (MILANEZ, 2006, p. 153).

Segundo Rago (1998, p. 3) “[...] as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina”, que por anos ficou as margens da sociedade. O que resultou na produção de um contradiscurso, que veio provocar profundas mutações sociais, inclusive na produção do conhecimento científico.

Esta normatização instituí não apenas uma disciplinalização dos corpos, mas a construção de valores morais que adquirem um caráter de verdade em nossa sociedade e que irão definir as fronteiras da normalidade, sistematizando pensamentos e, conseqüentemente cristalizando-os por meio de um saber científico.

É preciso olhar para estes saberes cristalizados, questionar as constelações de sentidos, nas quais se constroem e se representam a mulher na sociedade, pois sua identidade é movente, é fluída, é incerta, podendo mudar a ordem do mundo. Pois, segundo Veyne (2014, p. 169), “O discurso comanda, reprime, persuade, organiza; ele é ‘o ponto de contato, de atrito, eventualmente de conflito’ entre as regras e os indivíduos”, produzindo efeitos de poder que irão ordenar e autorizar a maneira de pensar e agir em uma determinada época. Este poder, por sua vez, é capaz de promover rupturas tanto no campo midiático como no campo social, modificando, agregando, excluindo posicionamentos quanto à construção de um saber, pois, a imagem é passível de diversas interpretações.

Ao demarcar seu posicionamento na sociedade, a mulher apresenta seu potencial emancipatório frente às imposições de uma sociedade machista, demonstrando seu poder de mudança diante da sociedade patriarcal, por meio da resistência, que de acordo com Foucault (2014, p. 104), estão “presentes em toda a rede de poder”.

Referências

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. (Trad. Sérgio Millet). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CORBIN, A., COURTINE, J-J. **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. (Trad. E. F. Alves. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CUNHA, M.T. S.; SALERNO, L. P. Discursos para o feminino em páginas da revista Querida (1958-1968): aproximações. In: **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, nº 40, abr/jun, 2011, p. 127-139.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. (Trad. L. Neves). 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____, **A ordem do discurso**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. (Trad. M. T. C e J.A.G Albuquerque). 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. (Trad. M. T. C Albuquerque). 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **História da sexualidade I: O cuidado de si**. (Trad. M. T. C e J.A.G Albuquerque). 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GREGOLIN, M. R. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

MILANEZ, N. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, P. (org.). **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Paulo: Claraluz, 2006.

RAGO, M. **Epistemologia feminista, gênero e história: masculino, feminino, plural**. Florianópolis-SC: Mulheres, 1998. Disponível em:
<http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf. Acesso em 03/04/2016.

SOUSA, KM. Discurso e biopolítica na sociedade de controle. In: TASSO, I.; NAVARRO, P., orgs. **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas** [online]. Maringá: Eduem, 2012, p. 41-55. ISBN 978-85-7628-583-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

SWAIN, T. N. **Figuras de mulher em Simone de Beauvoir: a mãe, a prostituta, a lésbica**. 2011. Disponível em: <<http://feminismo.org.br/figuras-de-mulher-em-simone-de-beauvoir-a-mae-a-prostituta-a-lesbica/>>. Acesso em: 24.04.2016.

VEYNE, P. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. (Trad. M. J. Moraes). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.